

## Dez poetas do Nordeste

Estes poetas que, apresentados por minhas palavras, ides, leitor, conhecer, já se encontram em plenitude de uma forma e de uma sensibilidade poética expressivamente realizada.

São dez os cultores da grande arte do verso, que neste volume se reúnem para formar uma antologia dos seus poemas, nos quais revelam-se a transparência e a força emotiva que vêm, de há muito, caracterizando a capacidade perceptiva, pelo gesto e pela voz, da gente do Nordeste brasileiro.

Há em todos eles um poder, um ímpeto decisivo e generoso que, historicamente, sempre foram apanágio da gente dessa região, permanentemente iludida, deprimida e maltratada pelos poderes mais altos do país.

A ânsia de saber, a curiosidade de contemplar o espetáculo do mundo do conhecimento, que se descobrem, freqüentando os estudantes universitários dessa terra esquecida ou, quando muito, “esquecidamente” lembrada; a crença viva, perene e séria que está presente nestes estudantes, e que destoa consideravelmente da facilidade das vacilações, e, às vezes, mesmo da indiferença que se notam em alguns de nossos centros culturais, refletem-se no campo da poesia, como uma coerência de valores estéticos, que vem desde Manuel Bandeira (muito embora este poeta tenha saído muito jovem de Pernambuco, mas levando já na ante-memória a sua “Evocação do Recife”), desde Manuel Bandeira, através de Oliveira e Silva, Austro Costa, Eugênio Coimbra Júnior, Mauro Mota, João Cabral de Melo, até aos mais jovens Carlos Pena Filho, Audálio Alves, César Leal, Edmir Domingues, Tomaz Seixas, Gonçalves de Oliveira, Carlos Moreira e outros; e agora se prolongando, prolongando nestes poetas, poetas novíssimos, que aqui se apresentam, e que mantêm a mesma coerência, a mesma “vontade de ser” autônoma, no complexo cultural luso-brasileiro, ou de um modo mais geral, no complexo ibérico.

A aparição desse “status” poético, através de gerações, me faz vagamente recordar as palavras, creio que de Carlos Bousoño, que assinalam uma coerência do mesmo gênero na poesia espanhola dos últimos cinqüenta anos.

Entre os poetas jovens que figuram neste livro não se fala mais em “ismos”, nem “vanguardas”, mesmo porque essa técnica, quase sempre apoiada na aplicação do “princípio de oposição”, muitas vezes incabível, tem como conseqüência, em muitos casos, a irrupção de uma vanguarda, não a dos legionários de David, mas a dos filisteus conduzindo em triunfo um novo estandarte academo-pompierista.

No entanto, se quisermos incluí-los numa região fundamental onde se defina as transformações do espírito humano, nas suas relações com a arte, seria, talvez, pela largueza e amplitude do seu âmbito (*range*), a do sincretismo, lembrado por Audálio Alves, e que, na realidade, é uma espécie de espectralismo, ao qual os poetas desta antologia trariam seus “valores próprios”; espectralismo – imagem total de uma especialidade dos conceitos da abstração poética ou, de modo mais imperfeito e mais geral, do espaço de ondas do humano pensamento.

A primeira obra aonde apareceu a possibilidade da análise espectral na literatura foi a denominada pelos seus autores Damaso Alonso e Carlos Bousoño: “Seis calas em la expresión literaria española”; o emprego neste livro das “matrizes” para definir certos aspectos lingüísticos, aceitando, a priori, uma pluralidade com unidade matricial, com matrizes de ordens  $n^2$  e  $m \times n$ , e as suas “transpostas”, sugere, em pesquisas mais apuradas, a possibilidade de se obterem também, dessas matrizes, os seus “produtos”, os seus “inversos”, os seus “espectros” e os seus “grupos”; sugere assim uma aplicação mais estendida e concreta

desse “anel” matemático, tornando-o um formalismo bastante adequado à estatística conjuntiva e à ciência literária.

Embora essa digressão tenha bastante que ver com os poetas aqui apresentados, assim como, com os outros todos e quaisquer, pois se trata de uma teoria geral, esta minha digressão está fugindo ao objetivo de uma simples apresentação que é o fim único deste prefácio.

Poetas do Recife, poetas do Nordeste aqui estão eles conscientes, mais do que ninguém, da perigosa inflação cultural estrangeira, que aparece, – como em outros casos congêneres, como preâmbulo à marginalização de uma nação, no caso a desta nação, que atualmente domina o país, a que todos nós, brasileiros de hoje pertencemos.

Nos poemas neste livro reproduzidos o leitor encontrará alusões temáticas, atributos emotivos e sensoriais que definem muito bem a atitude da região em que eles vivem, como explicam a participação maior ou menor do artista na interpretação do seu mundo e o dos outros, como também a revelam a projeção do homem em todas as coisas do universo, e a do ser, limitado e tereno, no que é eterno.

Assim se encontram nas páginas que seguem a força e a paz, o vento que faz chorar o homem na praça, se avista o cavalo que sabia as campinas e o aço dos freios, se ouve / vê o grito / gesto que é a essência da liberdade, ou apenas se vê Maria recolhendo manhã nos seus cabelos. Por outro lado, se materializa em sítios mais tristes e desertos um pequeno cacto que vive dormindo de uma liberdade emparedada, quando não se assiste à passagem dos laçaios dos industriais magnânimos; mas há também sob céus abertos, largos em sombra e luz, nuvens, estradas, madrugadas verdes, pescadores, conchas de sol e animais familiares se movem, pássaros cantando em espaços nus das gaiolas, cavalos trotando sobre neblinas, capim e tempo ou cachorro dormindo de lentidão e sombra.

Apreciemos agora em traços ligeiros um por um desses poetas:

*Alberto Cunha Melo:* há uma dor no poema, há uma carta, uma comunicação para os outros, quaisquer outros; nele a poesia existe como um “para sempre”; os seus três poemas obedecem ao mesmo ritmo.

*Arnaldo Tobias:* Tem ritmos mais livres, versos de cumprimentos incertos; descobre novos valores lingüísticos como este do diminutivo como apenas uma parte do termo original: sozinho, quase só. Pratica o uso de rimas raras e às vezes belas em o *Abutre*.

*Cyl Gallindo:* Poeta de velada obstinação social e telúrica; e especulativa; usa ritmos variados, desde o verso de composição livre até o soneto; é, talvez, deste grupo de poetas o de penetração mais funda nos modernos problemas humanos.

*Jacy Bezerra:* Usa a forma do soneto, do soneto moderno que, ao meu ver, foi pela primeira vez usada por Mário da Silva Brito, no seu *Poemário*, só agora publicado; na poesia de Jacy Bezerra existe indiferentemente raras associações de vocábulos, ou versos extremamente fluidos como os de *Amanhã Maria*.

*Jobson Figueredo:* É poeta de metáforas, onde a tangência dos termos comparados se transforma num contato quase nulo, num assintotismo, metáforas quase sem tangência, fato já observado por Ortega y Gasset em Luiz de Gongora.

*Marcos Santander:* Poeta de atuação social; usa nos seus versos, conjuntivamente, intervalos de 6, a 9 e 8 a 10 sílabas; metáforas de associações descontínuas, superposição de efeitos vocálicos como: sobretudo que o tudo; a resposta é a derrota etc.

*Maria Lúcia Chiapetta:* É a poetisa do grupo, poetisa e não poeta como querem alguns, procurando masculinizar a mulher, como se fosse possível destruir o princípio YIN.

( ), Chiapetta escreve versos sempre confrontando os dois princípios: o YANG ( ) e o YIN ( ), como Ângela Aymerich e Carmen Conde ou, mais recentemente, a portuguesa Natércia Freire, e a galega Luz Pozo Garza.

*Maurício Motta*: Em o *Pássaro* apresenta um fenômeno curioso que ele mesmo, talvez, não tenha notado: coloca sempre ao lado esquerdo dos versos as palavras mais expressivas, e do lado direito as partículas o, de, em, etc., justamente o contrário do usual; pelos seus três poemas revela-se uma espécie de poeta-pintor animalista.

*Sérgio Moacir de Albuquerque*: Usa também frequentemente o *rejet* que, aliás, digamos de passagem, é uma invenção de Perez de Ayala, mas o valor de sua poesia não está só nesta técnica: a sua poesia aqui ressoa como marcha fúnebre de uma sonata; ligeira influência de João Cabral.

*Tarcísio Meira César*: Talvez o poeta mais lírico do grupo, o que melhor observa os contrastes existentes no Nordeste, onde há fome e miséria, mas há, também, a luz dessa grande paisagem tropical em cujo centro se encontra o Recife: o Recife tendo à distância do olhar a velha cidade de Olinda.

De minha última visita a Pernambuco guardo, entre outras muito gratas recordações, a de ter sido recebido pelos estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife, que cantaram no galilé do Convento de São Francisco de Igarassu, com a bela música de Maurício Tapajós, algumas canções do meu *Coronel de Macambira*, e a de ter conhecido, em casa do ilustre sociólogo Pessoa de Moraes, este grupo de poetas novíssimos, que me fez lembrar o tempo em que vivi naquela bela cidade nordestina.

(Prefácio ao livro *Agenda Poética do Recife*, apresentação e seleção de Cyl Gallindo, publicado pela Coordenada-Editora de Brasília Ltda., Rio de Janeiro, 1968).